

DO CHÃO DA CIDADE ÀS PLATAFORMAS DE VÍDEO: PROJETO TRILHAS URBANAS, ENTRE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

***FROM THE CITY GROUND TO VIDEO PLATFORMS: URBAN TRAILS PROJECT, BETWEEN TRADITION
AND INNOVATION***

***DU SOL DE LA VILLE AUX PLATES-FORMES VIDÉO: LE PROJET "URBAN TRAILS", ENTRE TRADITION
ET INNOVATION***

Gleilson Angelo da Silva

Universidade Federal do Ceará (UFC)
cleialustosa@gmail.com

Maria Clélia Lustosa Costa

Universidade Federal do Ceará (UFC)
angelosilva002@gmail.com

Alexandre Queiroz Pereira

Universidade Federal do Ceará (UFC)
aqpufc@gmail.com

RESUMO

As aulas de campo são recursos viáveis para espacializar conceitos, abordar temas pertinentes ao urbano e compreender os processos que transformam e dinamizam a cidade e os seus centros históricos. Assim sendo, o presente artigo objetiva apresentar os resultados do Projeto Trilhas Urbanas e a sua resposta às práticas de exposição de conceitos e de descrição da paisagem urbana. Metodologicamente, comparam-se duas estratégias: a presencial e a virtual (*on-line*). Os critérios avaliados envolveram a formação, a elaboração, a construção e a realização do Projeto. Concluiu-se que as atividades em sua diversidade auxiliam na formação do geógrafo e permitem discutir, debater, refutar, refletir e apreender os principais elementos que aproximam práticas de sala de aula aos espaços urbanos socialmente produzidos.

PALAVRAS-CHAVE: espaço urbano; paisagem; virtual; centro.

ABSTRACT

Field classes are viable resources for spatializing concepts, tackling urban issues and understanding the processes that transform and energize the city and its historic centers. Therefore, this article aims to present the results of the Urban Trails Project and its response to the practices of exposing concepts and describing the urban landscape. Methodologically, two strategies are compared: face-to-face and virtual (online). The criteria evaluated involved the training, design, construction and implementation of the project. It was concluded that the activities in their diversity help to train geographers and allow them to discuss, debate, refute, reflect on and grasp the main elements that bring classroom practices closer to socially produced urban spaces.

KEYWORDS: urban space; landscape; virtual; center.

RÉSUMÉ

Les classes de terrain sont des ressources viables pour spatialiser des concepts, aborder des questions urbaines et comprendre les processus qui transforment et dynamisent la ville et ses centres historiques. Cet article vise donc à présenter les résultats du projet "Urban Trails" et sa réponse aux pratiques d'explication des concepts et de description du paysage urbain. Sur le plan méthodologique, deux stratégies sont comparées : face à face et virtuelle (en ligne). Les critères évalués concernent la formation, la conception, la construction et la réalisation du projet. Il a été conclu que la diversité des activités contribue à la formation des géographes et leur permet de discuter, débattre, réfuter, réfléchir et appréhender les principaux éléments qui rapprochent les pratiques de classe des espaces urbains produits par la société.

MOTS-CLÉS: espace urbain; paysage; virtuel; centre.

1. INTRODUÇÃO

Estudos sobre a importância de trabalhos e aulas de campo para o ensino e o desenvolvimento do raciocínio geográfico são comuns (Marcos, 2006; Brandão, 2007; Lemos, 2021; Palhares; Ferreira, 2020). Especificamente acerca da cidade e do Centro urbano, também há bibliografia a registrar diferentes perspectivas, como a aproximação com a geografia urbana histórica, com a geografia econômica ou com outras abordagens de caráter socioespacial (Carlos, 2018; Trindade Júnior, 2018; Beuf, 2020; Alves, 2015; Bueno; Guidugli, 2008; Corrêa, 2007).

Dentro dessa tradição encontra-se o projeto de extensão Trilhas Urbanas, organizado pelo Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR) do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC), envolvendo professores e estudantes da graduação e pós-graduação. O projeto é realizado há mais de 20 anos e teve como seu fundador o Professor José Borzacchiello da Silva. No início, a atividade fundamental do projeto se referia aos percursos em comemoração ao Aniversário da Cidade de Fortaleza (13 de abril). Porém, com a coordenação da Professora Maria Clélia Lustosa Costa, as atividades, para além desta data, ganharam um calendário anual, principalmente atendendo aos interesses de alunos e professores da Rede Pública de Ensino do Ceará. Desde 2009, os percursos são realizados em parceria com o Instituto do Ceará - Histórico, Geográfico e Antropológico (IHGA) e com a rede de pesquisa Observatório das Metrôpoles (INCT/CNPq), que trabalha com as mudanças comuns às metrôpoles e cuja abrangência inclui 18 núcleos.

As trilhas urbanas têm como objetivo o trabalho de campo no Centro da cidade, principal objeto de discussão e crítica para compreender as contradições sociais (Silva, 1992, 2016; Dantas; Costa; Zanella, 2016), a maritimidade (Dantas, 2010, 2020; Pereira, 2013, 2014, 2017), os espaços do ócio e do negócio (Muniz, 2022), do poder (Costa, 2007; Silva, 2002; Parente, 2002; Gondim, 2002), de vida e morte (Costa, 2014, 2021), dentre outros, observados nos espaços públicos que contam a história da cidade. Deste modo, é proporcionada uma leitura geográfica de Fortaleza a partir da paisagem e das transformações socioespaciais por meio do trajeto a pé.

A Pandemia de Covid-19 (2020 a 2021) impediu o desenvolvimento do projeto conforme sua tradição, sendo adaptado às novas plataformas *on-line*, que permitem a difusão de vídeos gratuitamente. O Projeto Trilhas Urbanas ganhou versão em vídeo, disponível no Canal do LAPUR na plataforma Youtube. Atualmente, passadas as restrições de contato social e reunião de pessoas,

o Projeto se estabelece com as práticas de campo anteriores, mantendo-se disponível aos interessados, no formato virtual.

Dada essa duplicidade de formatos e tendo a avaliação qualitativa das metas da atividade, este artigo tem como objetivo apresentar os resultados do Projeto Trilhas Urbanas e a sua resposta às práticas de exposição de conceitos e de descrição da paisagem urbana. Em hipótese, admitem-se fragilidades no formato em vídeo, mas entende-se que os modelos são complementares, sobretudo, pela possibilidade de alcance nacional, pela disponibilidade de conteúdo gratuito e cientificamente fundamentado.

Para o desenvolvimento deste artigo, utiliza-se de metodologia analítico-interpretativa baseada no banco de dados do projeto (fotografias, mapas, relatos, listas, filmagens, divulgação nas redes sociais), e reuniões com bolsistas, monitores e demais envolvidos durante os momentos de preparação e execução da atividade em campo e no modelo virtual.

A estrutura do texto parte de síntese conceitual acerca da cidade e do urbano. Em sequência, caracteriza-se o projeto Trilhas Urbanas com apontamento de características históricas e detalhamento metodológico. Por fim, chega-se à análise principal, refletindo sobre os dois modelos de trilhas urbanas desenvolvidas anteriormente, durante e posteriormente ao período pandêmico.

2. A CIDADE E O URBANO COMO PONTO DE PARTIDA

O projeto Trilhas Urbanas parte da premissa teórica de que a utilização dos conceitos fundamentais da ciência geográfica (espaço, lugar, território, paisagem e região) contribui para compreender os processos sociais, sobretudo, aqueles materializados nos espaços urbanos. Todavia, esses têm sua utilidade científica e didática à medida que são relacionados às suas derivações que, por sua vez, são resultantes de uma forma específica de explicar a vida na cidade.

Dessa forma, balizados por princípios das diversas abordagens geográficas (urbana, histórica, política, cultural e econômica), as descrições dos fatos e os processos no tempo e espaço são sistematizados, simultaneamente, ao entender os conceitos de cidade (Lencioni, 2008; Vasconcelos, 2015, 2021), urbanização (Brenner, 2018; Cabral; Cândido, 2019), toponímia (Dick, 1990b; Silva; Silva, 2023), por exemplo, resumidos no Quadro 1.

Quadro 1: A utilização dos conceitos e sua aplicação nas Trilhas Urbanas

Conceito	Definição utilizada	Referência	Exemplo de aplicação
Centro e centralidade	O Centro é uma localização com forte poder de atração e a centralidade corresponde à vontade ou necessidade enfatizada pela conectividade	Barata-Salgueiro (2013)	Praça do Ferreira
Desigualdades socioespaciais	Contradições dos processos que produzem as condições (i)materiais e sociais	Penna e Ferreira (2014)	Comércio informal
Territorialidades urbanas	Os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios de acordo com suas dinâmicas	Souza (1995)	Praça General Tibúrcio
Paisagem urbana	Reflexo da relação entre homem e natureza, mas também a parte invisível onde a paisagem é formada	Bonametti (2020)	Praia de Iracema
Rugosidades	Conservação, preservação e restauração de memórias	Souza (2019); Santos (1996)	Praça dos Mártires
Formação socioespacial	Entendimento da totalidade espacial em macroescala	Degrandi e Silveira (2011); Santos (2023); Bastos e Casaril (2016)	Praça da Sé
Patrimônio	O esforço de resguardar o passado no presente e no futuro	Ferreira (2006)	Fortaleza Nossa Senhora da Assunção
Fluxos/Dinâmicas urbanas	Os fluxos podem ser entendidos por meio do ordenamento da sociedade, e as dinâmicas envolvem o deslocamento de pessoas e serviços.	Siqueira e Souza (2020); Castells (2007)	Praça José de Alencar

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Na realização das trilhas, esses conceitos são constantemente anunciados como referências explicativas da realidade vivida ou registrada nos livros e documentos. Desta forma, conceito e aplicação são discutidos e relacionados com cada ponto durante o percurso. Compreendê-los durante o processo da formação dos monitores (reunião com a apresentação do projeto, distribuição dos pontos por monitor e conhecimento sobre a história de Fortaleza) é fundamental para relacionar com os próprios conteúdos vistos durante o curso de Geografia,

independentemente do semestre em que eles estejam, posteriormente, sendo utilizados para fins didáticos, como as trilhas.

Silva (2019) aponta que a experiência de caminhada pelo Centro permite a compreensão de fenômenos que ocorreram e explica formas no presente, possibilitando ao sujeito experimentar a cidade por meio dos lugares que frequenta com um olhar mais apurado e atento aos pequenos detalhes, proporcionado pelas trilhas urbanas. As ruas são partes essenciais para o processo de apreensão dos detalhes, uma vez que é nelas que tudo acontece. Então, criar um roteiro também perpassa pela ideia de quais ruas serão incluídas neste percurso como uma forma de conhecer também os logradouros como parte importante deste processo.

3. AS TRILHAS URBANAS ORGANIZADAS PELO LAPUR: CARACTERÍSTICAS E METODOLOGIAS

Em 1994, a Câmara de Vereadores aprovou uma lei instituindo “O dia da cidade” e, dois anos depois, o LAPUR/Geografia e o Núcleo de Documentação e Laboratório de Pesquisa Histórica do Departamento de História da UFC (NUDOC) transformaram o 13 de abril em um seminário acadêmico comemorativo – Fortaleza 270 anos (Figura 1), visando despertar o interesse pela cidade e pela preservação do seu patrimônio histórico, bem como refletir sobre as transformações no espaço urbano.

Figura 1: “Fortaleza 270 anos” - Seminário acadêmico comemorativo



Fonte: Arquivo LAPUR (1996).

Os alunos da Graduação e Pós-Graduação atuam como monitores voluntários e participam da construção e atualização do projeto durante o ano inteiro, uma vez que, para além do aniversário de Fortaleza, as trilhas são realizadas para os mais diversos públicos: alunos do ensino básico das redes pública e particular; alunos de graduação e pós-graduação do curso de Geografia e de outros cursos da UFC e de outras universidades; alunos de projetos de Pré-Vestibular; grupos de leitura, dentre outros. Dividido entre quatro trilhas temáticas, os alunos e professores construíram percursos que pudessem embasar os conceitos e fenômenos geográficos e relacioná-los com os pontos elencados em cada uma das trilhas. Conforme a temática, os lugares visitados constroem uma percepção de tempo e espaço para aqueles que fazem o trajeto (Figura 2).

A cada ano, elencamos uma temática que orienta as discussões sendo acrescentada nas falas durante o percurso. Este momento de escolha da temática é importante para realizarmos a formação dos monitores, preparando-os para aplicar os conceitos durante a realização das trilhas, apresentando novos elementos e propondo outras discussões. As trilhas são divididas em quatro temas e todas têm como ponto inicial o Instituto do Ceará (IHGA-CE).

Figura 2: Arte da comemoração dos 282 anos da capital cearense (2008)

TRILHAS URBANAS
FORTALEZA 282 ANOS










12 de abril de 2008, sábado.
Local de encontro: Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico, Antropológico), às 8 h
Rua Barão do Rio Branco, 1594 – Praça do Carmo.
Informações: Depto. de Geografia-UFC. Fone: 3366 9857 ou 3366 9855

- **Fortaleza e o mar**
Coordenador: Prof. Dr. Eustógio Dantas
- **Espaços da vida e da morte**
Coordenador: Prof. Ms. Clélia Lustosa
- **Praças de Fortaleza: lazer e sociabilidade**
Coord: Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva
- **Fortaleza e o rio Pajeú**
Coordenador: Prof. Dr. Elisa Zanella
- **Geometria territorial do poder**
Coord: Prof. Ms. Alexandre Queiroz



Realização:

Instituto do Ceará
 Depto. de Geografia - UFC
 Mestrado em Geografia - UFC
 Observatório das Metrópoles
 PET- Geografia - UFC
 LAPUR-UFC



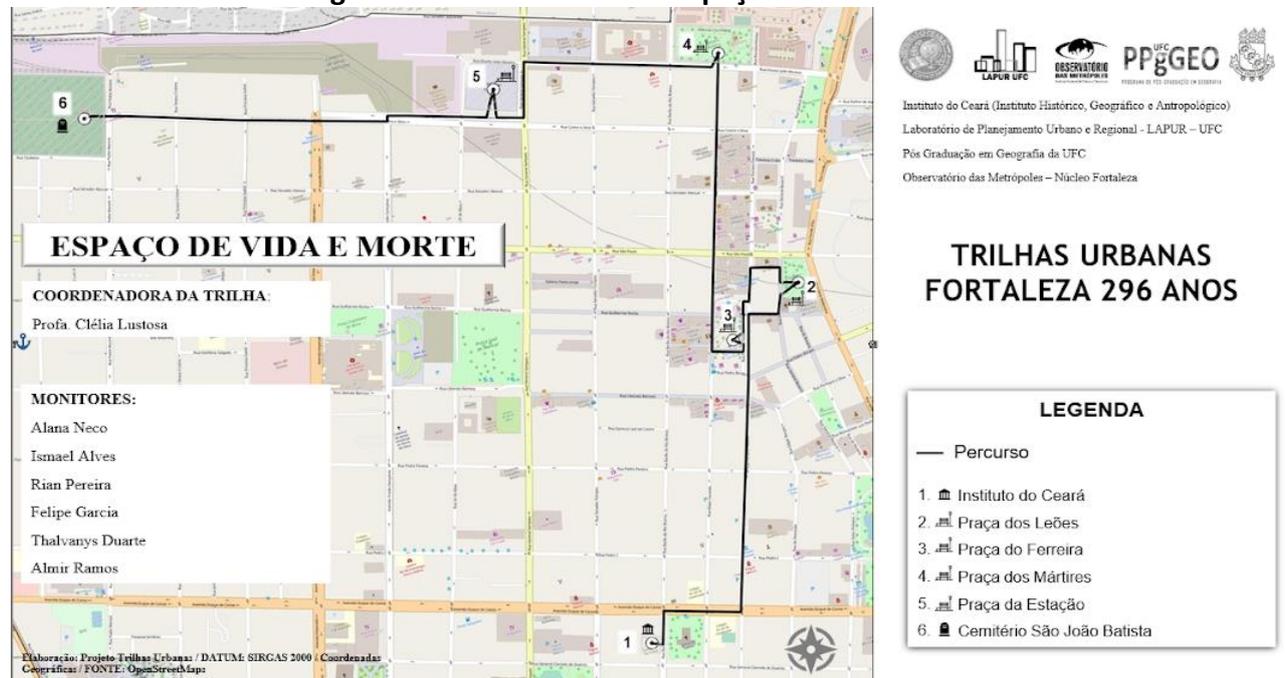
Fonte: Arquivo LAPUR (2008).

A trilha “Os Espaços de Vida e Morte” apresenta os lugares de vivência do fortalezense, mas também os espaços voltados para cuidar dos doentes e enterrar seus entes queridos, partindo do

século XIX. Demonstra como o discurso médico higienista (Foucault, 2013e; Costa, 2008, 2014, 2017, 2021), que localizava a doença no meio natural ou construído, orientou os códigos de posturas, o planejamento urbano, zoneando a cidade, ao determinar a localização dos equipamentos insalubres.

No passado, pelo mar, nas zonas portuárias, chegavam as doenças, e na praia, na ladeira da Santa Casa, era descartado o lixo, nas fossas móveis. Muitos equipamentos insalubres foram construídos próximo à praia, na Rua João Moreira - Santa Casa de Misericórdia, Cadeia pública, atual Centro de Turismo do Ceará, e o antigo cemitério São Casimiro, onde foi construída a estação ferroviária João Felipe em 1880, hoje Estação das Artes. Nesse trajeto, estão edificações simbólicas que exaltam a vida (praças), dedicadas ao tratamento dos doentes (Santa Casa de Misericórdia), o isolamento dos prisioneiros (antiga Cadeia Pública), e os espaços da morte (Igreja do Rosário, onde eram enterradas as pessoas de posse, Cemitério São Casemiro, situado na atual Estação das Artes e Cemitério São João Batista). Na Figura 3, é possível visualizar o trajeto desta trilha com os pontos mencionados.

Figura 3: Percurso da trilha Espaços de Vida e Morte



Fonte: Arquivo LAPUR (2022).

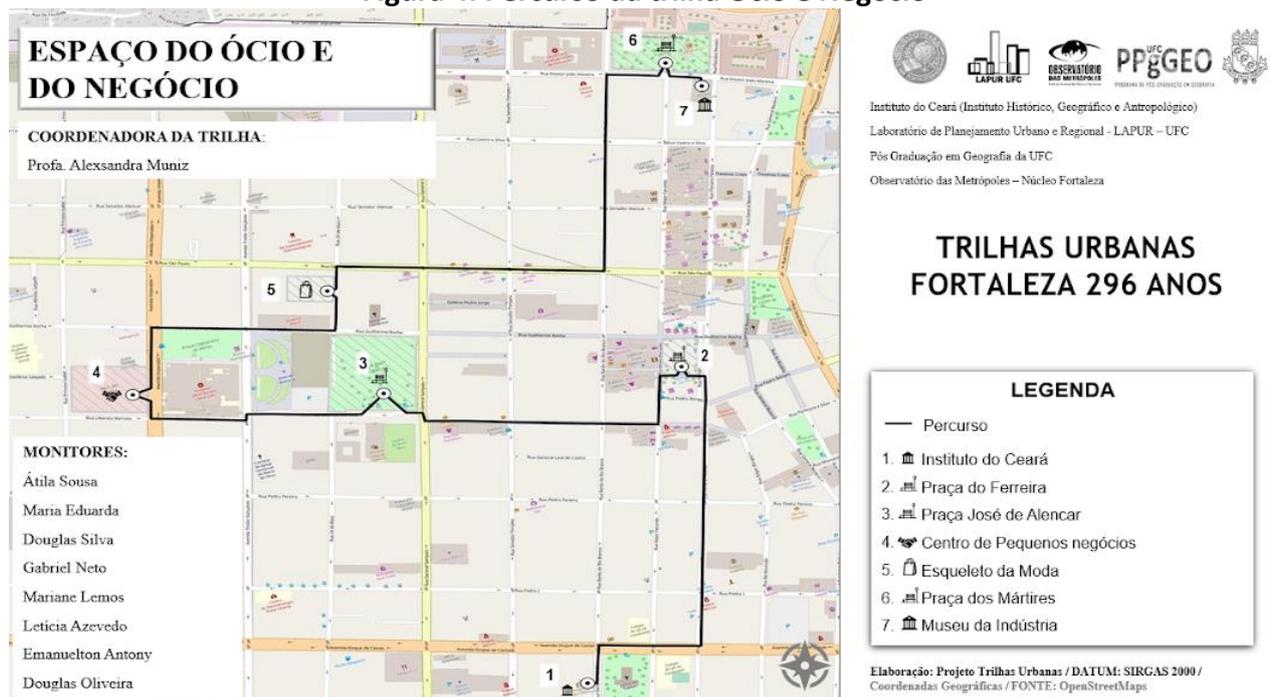
O percurso “Os Espaços do Ócio e Negócio” (Figura 4) reflete sobre o centro como local do lazer e do trabalho, do comércio e serviços e no passado também da indústria e da moradia das

elites (Muniz, 2022). A paisagem urbana revela a refuncionalização do centro (Silva, 2015). As marcas do passado estão presentes nas edificações que alojavam clubes, hotéis, cinemas, fábricas e nos casarões de uso misto - residência no piso superior e comércio e serviços no térreo. Com o adensamento populacional e a implantação dos transportes, intensifica-se a divisão social e técnica do espaço, e a cidade se amplia com o surgimento de bairros da elite e conjuntos habitacionais. Indústrias e grandes equipamentos públicos e privados se deslocam para outras áreas, orientando a expansão urbana, obedecendo ou não as orientações das leis de uso e ocupação do solo, formando novas centralidades. Hoje, segundo Silva (2015), o centro da periferia abriga clínicas populares, cursos técnicos, faculdades privadas, igrejas evangélicas, comércio formal e informal.

Os espaços escolhidos para a trilha foram: Praça do Ferreira, onde outrora estava reunida a elite fortalezense até a metade do século XX, com seus cinemas, lojas de artigo de luxo, cafés, hotéis, dentre outros; Praça José de Alencar, com o Theatro José de Alencar e a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), antiga Escola Normal, e o desativado Lord Hotel. Nesta praça, ficava o chamado Beco da Poeira, que reunia o comércio popular, e que foi destruído para abrigar uma estação do Metrô subterrânea (Terminal Praça José de Alencar).

O comércio informal resiste e é visitado, como o Centro de Pequenos Negócios e o Esqueleto da Moda, propondo-se um debate sobre os circuitos da economia (Santos, 1975). No Corredor histórico da rua Dr. João Moreira, destaca-se a Praça dos Mártires, espaço do ócio, construído no final do século XIX; e os antigos hotéis refuncionalizados – Hotel De France, atual Associação Comercial do Ceará, e o Hotel do Norte, que abriga o Museu da Indústria da Federação das Indústrias do Ceará (FIEC), que conta a história da industrialização no Ceará.

Figura 4: Percurso da trilha Ócio e Negócio



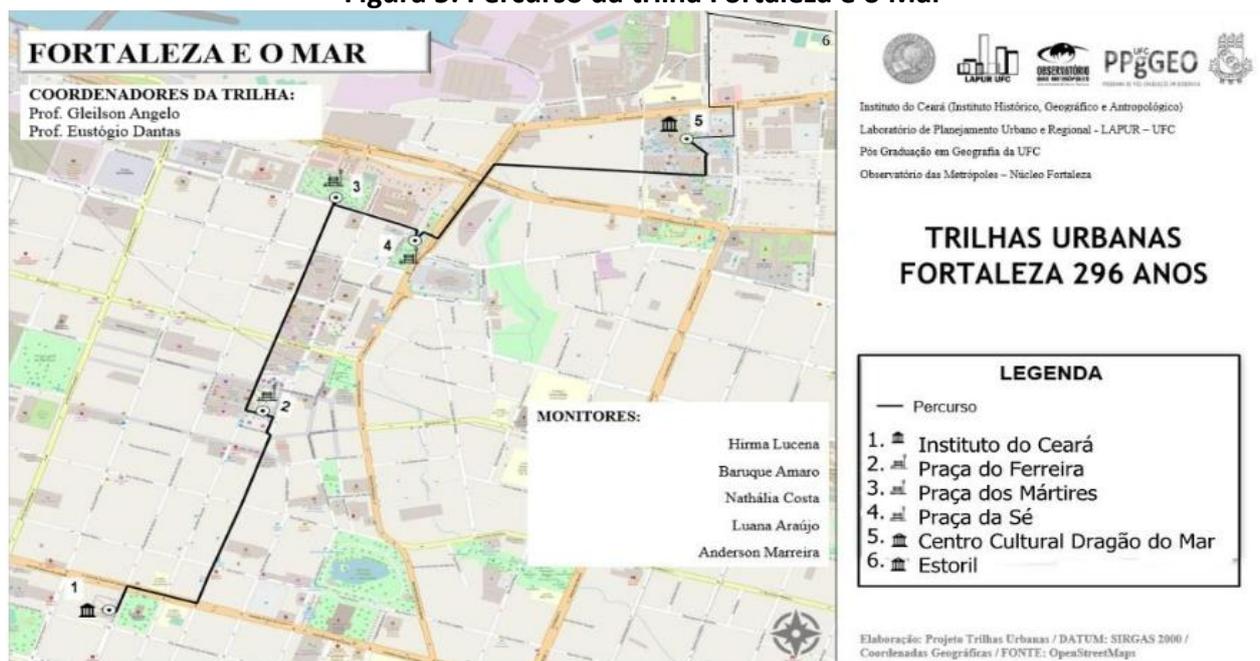
Fonte: Arquivo LAPUR (2022).

A trilha “Fortaleza e o Mar” trata da relação histórica do centro da capital cearense com sua costa marítima (Dantas, 2010, 2020; Pereira, 2013, 2014, 2017), sendo abordados diferentes espaços representativos com seus valores simbólicos e materiais (Figura 5).

A Praça do Ferreira apresenta uma relação oposta à Praça dos Mártires, considerando que ela é apresentada num contexto em que Fortaleza estava de costas para o mar e voltada para o sertão, onde a dinâmica movimentava seu espaço por meio dos fixos ali instalados; a Praça dos Mártires é o primeiro contato com o mar do ponto de vista da contemplação, mas pouco em relação aos usos e às práticas que surgiram a partir das décadas de 1920 e 1930; a Praça da Sé é o ponto de encontro entre o litoral, por meio dos produtos importados pelo antigo porto na Praia de Iracema, com o sertão, com os produtos oriundos do interior do estado, tornando os espaços ao seu redor um grande comércio que se mantém até hoje, sobretudo o de cereais e produtos regionais, como utensílios, ervas, dentre outros.

O Centro Cultural Dragão do Mar está localizado próximo ao antigo porto de Fortaleza, transferido nos anos 1940 para o Mucuripe, e da alfândega e de armazéns que foram refuncionalizados. O Estoril, denominado Vila Morena, apresenta uma Fortaleza que aos poucos estreitava sua relação com o mar por intermédio dos bangalôs construídos à beira-mar e das práticas marítimas que iniciaram no início do século XX.

Figura 5: Percurso da trilha Fortaleza e o Mar



Fonte: Arquivo LAPUR (2022).

A trilha “Geometria Territorial do Poder” (Figura 6) aborda os aspectos políticos da formação de Fortaleza, mediante espaços com diversas influências dos poderes para a formação desses territórios, dentre eles o poder religioso, executivo, cultural, militar e médico. Nesta, compreendemos como os espaços, os monumentos, o patrimônio histórico edificado imprime formas de poder e se sobressaem na paisagem (Costa, 2007; Silva, 2002; Parente, 2002; Gondim, 2002). Aprender o crescimento de Fortaleza perpassa pela ideia de deslocamento do próprio poder pelas diferentes praças do centro.

A Praça do Ferreira foi sede da Intendência Municipal (prefeitura) e concentrou cinemas, hotéis, clubes e lojas de luxo. Enfatiza-se sua permanência como centralidade das atividades políticas e culturais. Nos arredores da Praça General Tibúrcio, o poder religioso, simbolizado pela Igreja do Rosário, o prédio da antiga Assembleia, atual Museu do Ceará e o antigo Palácio do Governo, atual sede da Academia Cearense de Letras, formam uma paisagem que se remete ao Império e às primeiras décadas da República.

A Catedral Metropolitana e a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, localizadas na Praça da Sé, construções que simbolizam os poderes militar e religioso, são marcos da urbanização e do desenvolvimento da cidade no século XIX e início do XX. A Praça dos Mártires representava o símbolo da segregação socioespacial por meio do Passeio Público, originalmente dividido em três níveis, só restando atualmente o primeiro onde se encontram estátuas, coreto, ornamentos,

gradeado, dentre outros que remetem à época da sua construção dentro do contexto denominado por alguns estudiosos de *Belle Époque*.

Figura 6: Percurso da trilha Geometria Territorial do Poder



Fonte: Arquivo LAPUR (2022).

Para além da explicação sobre as trilhas, é necessário apreender os elementos que constituem a metodologia criada que permite a formação dos monitores, sendo enriquecida à medida em que a bibliografia passa por atualizações, com levantamento em banco de teses, dissertações, monografias, livros, artigos, jornais, fotografias, hemerotecas, mapas atuais e antigos. O projeto ressalta a aproximação entre Universidade e escola (Figura 7), como também contribui para o enriquecimento dos conhecimentos dos participantes, ao fomentar a (re)descoberta do Centro e da cidade de Fortaleza.

Figura 7: Registro das Trilhas Urbanas em diferentes percursos

Fonte: Arquivo LAPUR (2017, 2018, 2019).

A organização ocorre da seguinte forma: primeiramente, há a escolha de um tema; por exemplo, no ano de 2023, o tema foi “Fortaleza e o Direito à cidade” e, a partir dele, tecemos as discussões e reflexões que foram trazidas para as trilhas apresentadas anteriormente. Todas as atividades são norteadas pela temática indicada para mesa redonda realizada nas dependências do Instituto do Ceará (IHGA-CE).

Além disso, há o chamado “outubro cultural” em que alguma personalidade é homenageada. Em 2017, em comemoração aos 150 anos de nascimento de Adolfo Caminha, ocorreu a trilha temática “Seguindo os passos da normalista”, tema de monografia (Godoy; Queiroz, 2012). Em 2018, Tomás Pompeu de Sousa Brasil foi homenageado em virtude dos duzentos anos de seu nascimento, com a trilha denominada “Senador Pompeu e os espaços do poder”, e, em 2019, a trilha “Fortaleza de Virgílio Távora”, ex-governador, foi realizada em razão do seu centenário.

A fase de preparação dos monitores voluntários é um importante momento de discussão da construção da metodologia e dos métodos de ensino da Geografia, e sobre a formação socioespacial

do Ceará e do seu impacto em Fortaleza, constituindo-se em uma reflexão multiescalar no tempo e no espaço, aliando aos processos que atuaram (in)diretamente para que a cidade se desenvolvesse economicamente. Os pontos dos roteiros são divididos entre os monitores que elaboram uma explanação com base no material bibliográfico indicado. O acompanhamento da construção de cada trilha, sob a coordenação de um professor ou pós-graduando, é realizada em reuniões presenciais e grupos no aplicativo de mensagem para compartilhar informações e dados, tal como organizar os conteúdos da formação e do tira-dúvidas. As formações são importantes para prepará-los e deixá-los aptos a conduzir os percursos e compreender o seu papel.

3.1 O real e o virtual: entre a formação e a realização das trilhas

A pandemia do Coronavírus alterou significativamente a forma como as trilhas urbanas eram planejadas, sendo adaptadas para a forma remota. Muitos desafios foram superados, dentre eles, a formação dos monitores e a forma de sua divulgação. Para evitar aglomerações e respeitar medidas sanitárias determinadas pelo poder público, a metodologia foi ajustada ao formato on-line, o que resultou em vídeos produzidos e editados por bolsistas e professores do LAPUR. No Quadro 2, observamos como as trilhas urbanas foram organizadas no modo convencional e na versão em vídeo.

Quadro 2: Organização das trilhas urbanas no modo convencional e na versão virtual

Dimensões	Trilhas Urbanas convencionais	Versão em vídeo
Atividades preparatórias	Reuniões presenciais para formação dos monitores e criação de grupo em plataformas <i>on-line</i>	Reuniões <i>on-line</i> para formação dos monitores
Participação dos monitores	Explanação e exploração de cada ponto por monitores	Gravação de voz de cada monitor e envio para um responsável pela edição e sincronização com o vídeo
Periodicidade	Encontros semanais presenciais durante o mês de março. Uso das plataforma <i>on-line</i> e do whatsapp	Reuniões <i>on-line</i> semanais para avaliar os vídeos e tirar dúvidas
Formas de interação com o público	Divulgação, por meio de postagens e material impresso fixados em flanelógrafos de vários cursos da UFC, UECE e IFCE e escolas com convite para as mesas e trilhas	Divulgação por intermédio das redes sociais dos links de acesso à mesa virtual e para os vídeos de cada trilha. As curtidas e os comentários serviram como feedbacks

	Em março, são enviados convites aos professores para que possam agendar o transporte nas escolas	
Utilização de materiais complementares	Consulta a sites, artigos, livros, produções acadêmicas que fundamentam os roteiros	Criação no drive vinculado ao e-mail do LAPUR, de pasta e subpastas para cada trilha com textos, links de sites, mapas dos percursos
Testagem da atividade (Pré-trilha)	Exploração dos espaços mediante pré-trilha como uma forma de ambientação e (re) conhecimento dos pontos que serão abordados pelos monitores	Avaliação e sugestões de aperfeiçoamento dos vídeos elaborados pelos pesquisadores do LAPUR.
Percepção do espaço e da paisagem por parte dos participantes	Durante o trajeto, os participantes levantam questões, relacionadas ao que os professores trataram na sala de aula como preparação do trabalho de campo. Participação dos moradores, dos passantes que param, perguntam e são convidados a dar suas contribuições	Utilização de imagens para ilustrar o passado e o presente que constituem cada espaço e tema explorado no vídeo.
Utilização de conceitos fundamentais na preparação e realização das trilhas	Durante os trabalhos de campo, os monitores, com base nas categorias forma, função, processo e estrutura, analisam os lugares visitados, enfatizando os conceitos da Geografia	Na abertura de cada vídeo, o coordenador apresenta a temática, enfatizando o referencial teórico e o mapa do roteiro. Durante o trajeto, realizado no <i>Street View</i> , são projetadas imagens do passado e do presente, apresentadas com a voz dos monitores

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

A organização perpassa também pela utilização de outros espaços, além da universidade, para aproximar o público-alvo das atividades referentes às trilhas, como o Instituto do Ceará (IHGA-CE), local em que são realizadas as mesas redondas, na sexta-feira e de onde partem as trilhas no sábado. No modo virtual, a interação ocorreu por meio da avaliação do número de curtidas e compartilhamentos, e pelos comentários, que mostram o alcance do projeto.

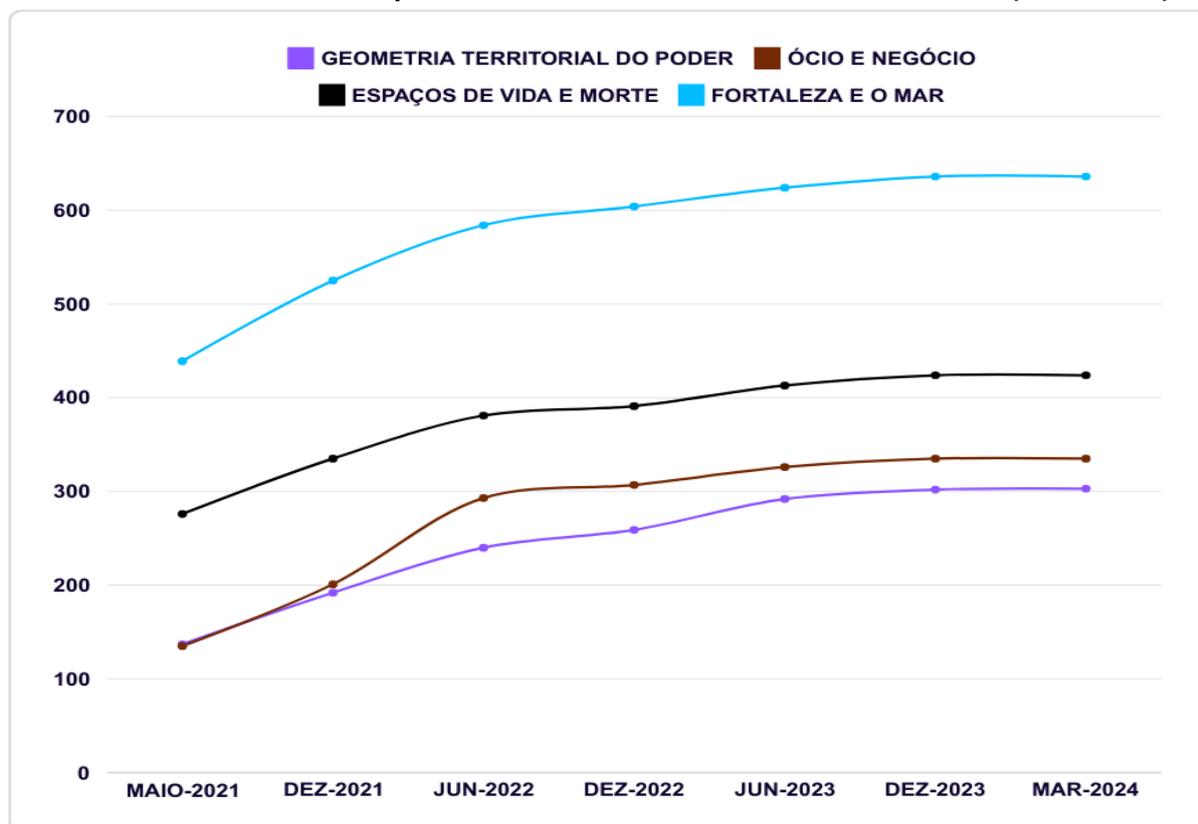
No primeiro ano da pandemia, a mesa “Trilhas Urbanas: conhecer e pensar a cidade” ocorreu de forma on-line pelo canal do Youtube do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR) com os professores José Borzacchiello da Silva, Maria Clélia Lustosa Costa e Alexandre Queiroz Pereira, momento em que recuperam as origens, os objetivos, os resultados e as potencialidades

do projeto. A transmissão da live alcançou cerca de 495 visualizações e reflete o alcance das atividades promovidas pelo laboratório. Este vídeo é utilizado em várias disciplinas, sendo um registro importante das trilhas como metodologia.

Indubitavelmente, é exatamente na versão tradicional que objetivos clássicos do projeto são realizados: 1. conhecer a cidade e a sua centralidade histórica; 2. envolver-se na paisagem urbana a partir dos múltiplos sentidos, além da visão; e, 3. dialogar e interagir diretamente com os monitores e demais sujeitos sociais que compõem a vida cotidiana em espaços urbanos.

As trilhas constroem um sentimento de pertencimento entre os participantes e os espaços do Centro, conforme constatou-se em reuniões de avaliação e alinhamento para as edições seguintes, envolvendo: o balanço entre as trilhas, pontos positivos e negativos, tal como a aplicação de questionários *on-line* através dos e-mails que foram fornecidos no ato da inscrição no sentido de entender como as trilhas podem ser aperfeiçoadas. Apontaram-se as transformações ocorridas no Centro, a sua relevância no contexto urbano da capital e a importância do projeto como instrumento de conhecimento, incentivando a preservação da memória da cidade. Também destacaram que o entendimento da cidade contribui para a discussão sobre a Fortaleza que “temos” e a que “queremos”. Sugeriram que as trilhas deveriam ocorrer com maior frequência, transformando-se em atividade permanente nas escolas, para que possibilitasse a participação de mais alunos, tornando o ensino da Geografia mais dinâmico (Silva *et al.*, 2023).

Os vídeos das quatro trilhas, juntos, alcançaram cerca de 1.700 visualizações e podem ser considerados recursos importantes para compreender as transformações na cidade de Fortaleza a partir do Centro. Eles são reproduzidos e debatidos em disciplinas e considerados um material de consulta que estimula os alunos, futuros professores, a repensarem os conteúdos vistos durante o curso e aplicá-los em sala de aula. O Gráfico 1 apresenta o desempenho dos vídeos de maio de 2021 até março de 2024.

Gráfico 1: Desempenho dos vídeos das Trilhas Urbanas virtuais (2020-2024)

Fonte: Youtube. Elaborado pelos autores (2024).

As trilhas mais assistidas foram: Fortaleza e o Mar e Espaços de vida e morte. No entanto todas são importantes, seja no modo presencial ou virtual, pois propiciam diversos olhares sobre a cidade e contribuem para a formação dos graduandos e o aperfeiçoamento dos pós-graduandos. Em reuniões de avaliação feitas com os monitores sobre sua experiência, após a realização da atividade, foram ressaltados os seguintes pontos: 1. Conhecer a cidade sob um olhar mais crítico; 2. Compreender novas e velhas formas, a partir das suas funções; 3. Indagar sobre o direito à cidade e o uso dos espaços públicos; 4. Fortalecer o saber popular e o científico, conectando aspectos teóricos e metodológicos vistos durante o curso; 5. Explorar, apreender e propagar o conhecimento geográfico para públicos diversos.

É possível inferir que a versão virtual das Trilhas Urbanas serve a fins específicos e complementares à versão tradicional, pois é apresentada em sala de aula pelo professor do ensino básico para preparar o aluno para o trabalho de campo. No modelo em vídeo, a reprodutibilidade, as legendas, as fotografias e o tempo de execução são características que facilitam a compreensão de conceitos e termos mais abstratos, sobretudo, pelas referências visuais sincronizadas com as falas

dos monitores, despertando o interesse pelo conhecimento da cidade de Fortaleza e a preservação do seu patrimônio histórico.

As trilhas urbanas têm sido uma experiência exitosa, com demandas fora do mundo das escolas de ensino fundamental e médio, a quem se destinava. Professores e alunos de universidades Norte e Nordeste agendam, durante o trabalho de campo na capital cearense, percursos no centro tradicional, a exemplo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Federal do Pará (UFPA). Grupo de professores e alunos do curso de Geografia da Sorbonne em missão no Ceará inseriram em seu roteiro as trilhas urbanas apresentadas em Francês. Este modelo de trilhas urbanas passou a ser reproduzido em outras cidades por vários IES, fazendo com que a análise da cidade e do urbano com seus problemas, processos e fenômenos possam ser constantemente revisitados e atualizados, visto que a dinâmica é contínua e se diferencia nos espaços a partir das relações divergentes e convergentes que fazem dele cada vez mais complexo.

No ano da pandemia, novembro de 2020, o VII Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade, realizado pelo Departamento de Arquitetura e Design da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), contou com a visita técnica *on-line*, realizada em Fortaleza, por meio da disponibilização dos três vídeos das trilhas do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista conceitual, podemos elencar a atualização de significados e os processos que mudam à medida em que o próprio Centro passa por transformações (desaparecimento de edifícios antigos, remodelação de praças, refuncionalização de edifícios, deslocamento de ambulantes, instalação de terminais de ônibus, dentre outros). Estas mudanças contribuem para atualização do debate acerca do direito à cidade em seus mais diversos âmbitos, sendo acrescentadas outras temáticas pertinentes e que devem constar na formação e durante o percurso, possibilitando novos olhares sobre as transformações da cidade e das suas problemáticas.

O Centro de Fortaleza foi e continua sendo um importante lugar para a compreensão dos processos que ocorreram e continuam transformando a cidade, sendo um reflexo das transformações e nos permite fazer uma leitura do espaço urbano a partir dos conceitos geográficos. Observar e apreender como as diferentes formas de viver a cidade permite

compreender como ela é experienciada pelos seus habitantes, e a Geografia tem um papel fundamental neste processo mediante realização das trilhas que possibilitam lançar olhares e visões acerca do Direito à cidade e ao uso dos seus espaços públicos.

Outro elemento interessante foi a contribuição para o desenvolvimento de projetos semelhantes adaptados às realidades locais (por meio da disponibilização dos vídeos das trilhas e o alcance regional e nacional), mostrando sua eficácia e eficiência como um instrumento didático-pedagógico relevante e que complementa os conteúdos vistos em sala de aula, aguçando o sentido crítico de quem participa e permite o debate sobre a cidade, suas contradições, criando alternativas para superar as adversidades presentes não somente na área estudada (os centros), mas também pensar na sua conexão com a periferia numa relação de articulação da parte com o todo.

A interdisciplinaridade também é um fator que contribui para o aperfeiçoamento das trilhas com a realização desta atividade para outros cursos de graduação e a possibilidade de criar diálogos a partir dos vários conhecimentos, e o compartilhamento destes durante o percurso é um fator positivo para pensar teórico e metodologicamente a abordagem e a forma como as trilhas acontecem. As camadas da realidade presentes no espaço são trazidas à tona quando outros elementos até então não mencionados são incluídos no percurso, de forma que o projeto não é algo estático e formado, mas em constante processo de construção, desenvolvimento, melhoramento e aprimoramento.

Por um lado, as trilhas “tradicionais” são eficientes na construção conceitual, sobretudo nos conceitos de centro, paisagem urbana, território, dentre outros, considerando que são trabalhadas com um maior aprofundamento da percepção, mediante explicações e observação das relações socioespaciais. Por outro lado, as trilhas *on-line* foram uma solução para o período de COVID-19, pois tornaram-se um material complementar na metodologia de preparação dos monitores e de iniciação dos participantes (ouvintes), além de possuir um maior alcance e ter uma maior interação a partir dos comentários, como uma espécie de *feedback*. As duas formas proporcionam maneiras de vivenciar a cidade por intermédio da experiência de uma trilha (virtual ou física) e contribuem para o conhecimento geográfico sobre as transformações da cidade.

O projeto, além de contribuir no desenvolvimento de professores, forma cidadãos com maior sentimento de pertencimento, conscientes dos problemas urbanos e da necessidade de conservação do patrimônio ambiental, histórico e social. A interação entre os diferentes níveis de ensino (básico, graduação e pós-graduação), na perspectiva de entrelaçamento da pesquisa, ensino e extensão, é fundamental para a formação de todo profissional.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Flamarion Dutra. Questões teórico-metodológicas entre Geografia Econômica e Desenvolvimento Regional. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 1, n. 37, p. 5-21, 2015.
- BARATA-SALGUEIRO, Teresa. Do Centro às centralidades múltiplas. In: FERNANDES, José Alberto V. Rio; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. Lisboa: Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território, 2013. p. 13-29.
- BASTOS, José Messias; CASARIL, Carlos Casemiro. A formação socioespacial como categoria de análise sobre rede urbana: ampliando a discussão teórica. **Geosul**, Florianópolis, v. 31, n. 62, p. 271-298, 2016.
- BEUF, Alice. Centralidad y policentralidad urbanas: interpretaciones, teorías, experiencias. **Espiral, revista de geografia y ciencias sociales**, Bogotá, v. 1, n. 2, p. 131-155, 2020.
- BONAMETTI, João Henrique. Paisagem urbana: bases conceituais e históricas. **Revista Terra e Cultura**, Lisboa, ano 20, n. 38, p. 107-123, 2020.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 11-27, 2007.
- BRENNER, Neil. **Espaços da urbanização: o urbano a partir da teoria crítica**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.
- BUENO, Edir de Paiva; GUIDUGLI, Odeibler Santos. A Geografia e o estudo da segregação sócio-espacial. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 29, n. 1, p. 71-85, 2008.
- CABRAL, Laíse do Nascimento; CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. Urbanização, vulnerabilidade e resiliência: relações conceituais e compreensões causa e efeito. **Urbe - Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Curitiba, v. 11, p. 1-13, 2019.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Para pensar a cidade e o urbano hoje: diálogo interdisciplinar no campo das ciências humanas. In: SERPA, Angelo; CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Geografia urbana: desafios teóricos contemporâneos**. Salvador: EdUFBA, 2018. p. 21-28.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Diferenciação sócio-espacial, escalas e práticas espaciais. **Revista Cidades**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 62-72, 2007.
- COSTA, Maria Clélia Lustosa. Fortaleza: expansão urbana e organização do espaço. In: SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 51-100.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. Entre trilhas urbanas: o bairro como lugar turístico. *In*: CORIOLANO, Luzia Neide. **Políticas de turismo: estratégias de sustentabilidade**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2008.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. **O discurso higienista e a ordem urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. **Capítulos de Geografia Histórica de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. **Vida e morte na Fortaleza antiga: a higienização da cidade no século XIX**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2021.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Maritimidade dos trópicos: por uma geografia do litoral**. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; COSTA, Maria Clélia Lustosa; ZANELLA, Maria Elisa. **Vulnerabilidade socioambiental e qualidade de vida em Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2016.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.

DEGRANDI, José Odim; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima. O conceito de Formação Socioespacial e sua potencialidade analítica e metodológica para a compreensão do Desenvolvimento. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 5., 2011, Rio Grande do Sul. **Anais [...]**. Rio Grande do Sul: UNISC, 2011. p. 1-19.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Patrimônio: discutindo alguns conceitos. **Diálogos**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2013e.

GODOY, Claudiana Viana; QUEIROZ, Emanuelton Antony Norberto de. **Trilhas urbanas: o romance "A Normalista" como recurso didático nas aulas de Geografia**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. Os "Governos das Mudanças" (1987-1994). *In*: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide. **Uma nova história do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 409-424.

LEMOS, Linovaldo Miranda. O trabalho de campo como experiência educativa em Geografia. **Geographia**, Niterói, v. 23, n. 50, p. 1-18, 2021.

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **GEOUSP**, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 109-123, 2008.

MARCOS, Valéria de. Trabalho de campo em Geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 105-136, 2006.

MUNIZ, Aleksandra Maria Vieira. **Geografia da indústria têxtil e de confecção**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022.

PALHARES, Ricardo Henrique; FERREIRA, Alysson Cley de Souza. O trabalho de campo como metodologia de ensino em Geografia: aplicabilidade no município de Sete Lagoas - MG. **Revista Verde Grande - Geografia e Interdisciplinaridade**, Montes Claros, v. 2, n. 1, p. 67-80, 2020.

PARENTE, Francisco Josênio Camelo. O Ceará dos “coronéis” (1945 a 1986). In: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide. **Uma nova história do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 381-408.

PENNA, Nelba Azevedo; FERREIRA, Ignez Barbosa. Desigualdades socioespaciais e áreas de vulnerabilidades nas cidades. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, p. 25-36, 2014.

PEREIRA, Alexandre Queiroz *et al.* **Maritimidade na metrópole**: estudos sobre Fortaleza - Ceará. Porto Alegre: Liro, 2013.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. **A urbanização vai à praia**: vilegiatura marítima e metrópole no Nordeste do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. Planejamento e metropolização do lazer marítimo em Fortaleza - Ceará, Nordeste do Brasil. **Revista Eure**, Santiago, v. 43, n. 128, p. 153-173, 2017.

SANTOS, Milton. **L’Espace partagé**. Les deux circuits de l’économie urbaine des pays sous-développés. Paris: Éditions M. – TH. Génin Libraires Techniques, 1975.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo - razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Francisco Felipe; COSTA, Maria Clélia Lustosa; SILVA, Galadriel Pereira da; NECO, Alana Sales. Trilhas urbanas: vivência e reflexão sobre o direito à cidade. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10., 2023, Fortaleza. **Anais [...]** Fortaleza: CONEDU, 2023. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_COMPLETO_EV174_MD1_ID16888_TB4500_05122022114750.pdf. Acesso em: 18 jan. 2024.

SILVA, Gleilson Angelo da. **Vou à rua**: estudos sobre os logradouros do Centro de Fortaleza através da Geografia e da Toponímia. 2019. 246 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

SILVA, Gleilson Angelo da; SILVA, José Borzacchiello da. Qual o nome da rua? A mudança dos nomes dos logradouros no Centro de Fortaleza (1810-1933). **Ateliê Geográfico**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 249-273, 2023.

SILVA, José Borzacchiello da. **Quando os incomodados não se retiram**: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

SILVA, José Borzacchiello da. Reestruturação produtiva e reconfiguração da área central de Fortaleza. **Mercator**, Fortaleza, v. 14, p. 75-88, 2015.

SILVA, José Borzacchiello da. A cidade contemporânea do Ceará. In: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide. **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 215-236.

SILVA, José Borzacchiello da. Movimentos sociais e processo de produção da cidade. In: SPOSITO, Eliseu Savério *et al.* (org.). **A diversidade da Geografia brasileira**: escalas e dimensões. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016. p. 169-192.

SIQUEIRA, Ana Cristina Costa; SOUZA, Edson Belo Clemente de. Desafios e políticas de desenvolvimento da circulação e da mobilidade urbana e rural. **Formação (Online)**, [S.l.], v. 27, n. 52, p. 51-75, 2020.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias *et al.* (org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 77-116 p.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida. Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: ensaio geográfico sobre o espaço banal. **Patryter**, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 1-17, 2019.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Por outras centralidades: pensando especificidades e particularidades da cidade e do urbano no Brasil. In: SERPA, Angelo; CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Geografia urbana**: desafios teóricos contemporâneos. Salvador: EdUFBA, 2018. p. 249-266.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. As metamorfoses do conceito de cidade. **Mercator**, Fortaleza, v. 14, p. 17-23, 2015.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Da evolução urbana à Geografia histórica do Rio de Janeiro: uma análise da produção de Maurício de Abreu. **Revista Cidades**, Chapecó, v. 8, n. 14, p. 609-622, 2021.

Artigo submetido em: 10/03/2024

Artigo aceito em: 23/07/2024

Artigo publicado em: 02/09/2024